

## ALUNOS SURDOS DE ESCOLA BILINGUE: AVALIANDO A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS

Me. Michelle Mélo Gurjão Roldão<sup>1</sup>  
Jamille Sousa Duarte<sup>2</sup>

### RESUMO

A Libras é a língua que deve ser usada na escola para aquisição da linguagem, para aprender através dessa língua e para aprender sobre a mesma (QUADROS, 2019). Entretanto, para crianças surdas, que deveriam ingressar na escola com o domínio em sua língua materna em nível de aquisição, não obtém os mesmos padrões das crianças ouvintes por falta de acesso e estímulo a sua língua. Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo avaliar a aquisição da língua de sinais de alunos surdos de uma escola bilíngue. A metodologia utilizada na pesquisa em questão caracteriza-se como sendo quantitativa e o método usado foi estudo de campo. Avaliamos a aquisição da língua de sinais de 7 alunos, com aquisição de linguagem tardia na língua de sinais, das turmas do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental Anos Iniciais, com faixa etária entre 09 e 16 anos, de uma escola bilíngue da Paraíba, por meio de testes de linguagem compreensiva e expressa. Os resultados obtidos indicaram que os alunos apresentaram pior resultado nas fases finais da avaliação da linguagem compreensiva, ou seja são fases que apresentam maior complexidade linguística. Na avaliação da linguagem expressiva observamos pouco uso dos classificadores, narração de principais partes da história, porém conseguiram seguir a sequência dos fatos. Ressaltamos a importância da realização frequente nas escolas bilíngues de avaliações da aquisição da linguagem e desta forma permitir o acompanhamento do processo de aquisição de linguagem, estabelecimento de medidas de intervenção ou estimulação linguística quando necessário.

**Palavras-chave:** Aquisição da Língua de Sinais, Libras, Surdez.

### INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem é permeado através da língua, contribuindo para a construção das identidades, bem como a percepção das regras que ocorrem durante as interações. Dialogar sobre a língua por meio da própria língua permite uma representação cultural e social para a criança e é extremamente importante para o processo educacional. A aprendizagem de uma língua possibilita envolvimento em atividades com outras pessoas através de diferentes contextos e permite também o conhecimento de mundo (FREIRE; FAVORITO, 2007; SCHLATTER, 2013).

<sup>1</sup> Mestrado do Curso de **Ciências da Linguagem** da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, [michelle.melo@professor.ufcg.edu.br](mailto:michelle.melo@professor.ufcg.edu.br);

<sup>2</sup> Mestrado pelo Curso de **Formação de professores** da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [jamille-duarte@hotmail.com](mailto:jamille-duarte@hotmail.com);

Garcez compreende o ensino-aprendizagem da língua(gem) como um conjunto de práticas interacionistas produzidas entre professores e alunos e afirma que:

Aprender língua(guem) é envolver-se em atividades com outras pessoas e, na ação conjunta com elas, desenvolver recursos expressivos necessários ou desejados para dar conta dos fins práticos dessas atividades desenvolvidas durante a interação – e assim participar cada vez mais ampla e afirmadamente da vida social. Ensinar língua(guem) é criar condições para que participantes aprendizes possam se envolver em atividades conjunta dessa natureza, propondo e dando encaminhamento a tarefas pedagógicas relevantes, oferecendo ajuda quando necessário e garantindo que a aprendizagem seja percebida e avaliada (GARCEZ, 2013, p. 215).

O ensino e a aprendizagem da língua materna no ambiente escolar ocorrem através de diversas atividades como a produção de gêneros textuais, realização de leituras críticas, produção escrita em linguagem padrão, percepção dos diferentes tipos de linguagens (visual, literária, etc.), manipulação e compreensão da organização estrutural da língua.

No Brasil, o ensino da Libras (Língua Brasileira de Sinais)<sup>3</sup> como língua materna favorece aos alunos surdos o desenvolvimento linguístico, cognitivo, psicológico e social tornando-os indivíduos constituídos plenamente, pois a língua lhes irá permitir a formação de conceitos, socialização, interações comunicativas, aprendizagem e construção de identidade. Com o propósito de que esse processo transcorra de forma efetiva, o aluno deverá ir à escola com a sua língua materna já adquirida (SINGLETON & NEWPORT, 2004, QUADROS, 2019).

Entretanto, para crianças surdas, que deveriam ingressar na escola com o domínio em sua língua materna em nível de aquisição, não obtém os mesmos padrões das crianças ouvintes por falta de acesso e estímulo a sua língua. Essa privação ocorre porque a maioria das famílias ouvintes que tem filhos surdos não sabem a língua de sinais. E o impacto que ocorre por serem expostas a *inputs* inconsistentes prejudicam em diferentes aspectos a comunicação e expressão do surdo, principalmente quando a aquisição é tardia (QUADROS, 2019).

<sup>3</sup> A Libras ou Língua Brasileira de Sinais é a língua de sinais reconhecida por lei (LEI Nº 10.436, de 24 de abril de 2002) como meio de comunicação e expressão de comunidades surdas do Brasil e regulamentada em 22 de dezembro de 2005, através do Decreto nº 5.626.

O acesso tardio a Libras poderá provocar consequências linguísticas negativas para o aluno surdo porque irá representar uma situação de aquisição atípica e provavelmente poderá interferir no aprendizado desta língua na escola.

Compreender o nível de aquisição da Libras do aluno surdo, na escola bilíngue, é primordial para que o professor possa desenvolver estratégias de ensino da Libras em meio a turmas com proficiências variadas. Desta forma, o docente poderá identificar as lacunas durante o processo de aprendizado da língua, relacionando a proficiência do aluno ao estágio em que a criança se encontra na sua produção em sinais (QUADROS & CRUZ, 2011).

Essa tarefa se torna árdua para o professor de Libras por carência de treinamentos para esses profissionais no sentido de avaliar e reavaliar o processo de aquisição da Libras, no estabelecimento de medidas de intervenção ou estimulação linguística quando necessário, também por falta de avaliações específicas, de compreensão de forma aprofundada sobre o funcionamento da Libras e não existe ainda produção científica suficiente sobre o processo de aquisição dessa língua.

Diante do exposto, esta pesquisa se propôs a investigar o nível de aquisição da Libras de alunos surdos do Ensino Fundamental Anos Iniciais em escolas específicas para surdos através de avaliação da aquisição de linguagem.

Nesse sentido, esse estudo buscar incentivar professores de escolas bilíngues para surdos compreenderem e investigarem o nível de desenvolvimento linguístico dos seus alunos surdos e desta forma permitir para que esse profissional possa realizar planejamentos de aulas e conteúdos intermediando o ensino e a aprendizagem de acordo com as necessidades dos alunos.

Para tentar entender as ocorrências do processo de aquisição da língua de sinais trabalhamos com estudos de Stumpf (2020), Quadros (2019), Quadros e Cruz (2011), Karnopp (2005), Cavalcanti e Gurjão (2015), Cavalcanti e Alves (2013), dentre outros.

Compreendemos que a aquisição da linguagem é o processo pelo qual a criança aprende sua língua materna e este processo inicia no momento em que o bebê começa a estabelecer relação com o seu meio, ocorrendo de forma natural e espontânea. É por meio das interações que a criança adquire a linguagem. Segundo Chomsky, a criança adquire a linguagem sem intervenções, ou qualquer tipo de esforço, em pouco tempo e da mesma forma em diferentes línguas (CHOMSKY, 1957 apud FINGER & QUADROS, 2008). Desta forma,

a aquisição ocorre em qualquer criança quando dispõe das oportunidades naturais de aquisição. Com relação às crianças surdas filhas de pais surdos, com estímulos precoces nas línguas de sinais, esse processo irá acontecer naturalmente.

Estudos linguísticos referentes às línguas de sinais apontam que esta língua apresenta as mesmas restrições que se aplicam às línguas faladas, porém em uma modalidade visuoespacial (QUADROS, 1997; QUADROS, 2019).

A aquisição ocorre em quatro estágios, sendo a fase pré-linguística, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações e, por último, o estágio de múltiplas combinações.

### 1.1 Período Pré-linguístico

Caracteristicamente o período pré-linguístico se inicia desde o nascimento até o período em que surgem os primeiros sinais. Inicialmente o bebê usa o choro para se comunicar, podendo ser rica em expressão emocional, pois através de diferentes tipos de choros a mãe irá identificar as necessidades do bebê e assim estabelecer uma relação de comunicação. Além do choro ocorre a emissão de um som gutural que sai da garganta. Crianças adquirindo línguas diferentes apresentam o mesmo tipo de balbucio e aproximadamente aos 10 meses surge o balbucio canônico (RÉ, 2006; GROLLA & SILVA, 2014).

Contrapondo o balbucio em bebês surdos e ouvintes, Petitto e Marantette (1991) realizaram um estudo, considerando o mesmo período de desenvolvimento, constatando que o balbucio está presente tanto em bebês ouvintes como bebês surdos. As autoras verificaram que essa capacidade inata é manifestada não só através de sons, mas também através de sinais.

Durante o levantamento dos dados, pode-se observar dois tipos de balbucio manual encontrados nos bebês surdos: o da gesticulação – que também foi observado em bebês ouvintes, e o silábico que apresentou combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais e que foram encontrados somente em bebês surdos.

Segundo Quadros & Cruz (2011), este período em relação à aquisição da linguagem em crianças surdas, caracteriza-se pela produção do que é denominado balbucio manual, pelos gestos e pela utilização do apontar. Tanto os bebês surdos como ouvintes desenvolvem balbucios semelhantes até determinado período, porém posteriormente cada um vai desenvolver um dos modos de balbuciar de acordo com sua modalidade. A autora afirma que o *input* visual é extremamente importante para que o bebê passe para etapas posteriores no

desenvolvimento da linguagem. Aspectos como o contato visual entre os interlocutores, isto é, o olhar fixo do bebê surdo na face da mãe/ pai, o uso de expressões faciais, a atenção que o bebê surdo coloca no meio visual, a produção de um complexo balbucio manual, de gestos sociais e do 'apontar' são aspectos observados nessa fase.

### 1.2. Estágio de um Sinal

Por volta de 12 meses as crianças surdas começam a produzir os primeiros sinais e finaliza aproximadamente até dois anos. Normalmente ela inicia as primeiras produções, na Língua de Sinais, assim como a criança ouvinte começa a pronunciar as primeiras palavras. Porém, estudos comprovam que o início deste estágio pode ocorrer por volta dos seis meses em bebês surdos filhos de pais surdos (KARNOOP, 1994; QUADROS, 1997; QUADROS, 2019; STUMPF, 2020). De acordo com Lillo-Martin (1986) esse início precoce, quando comparado às crianças ouvintes, devido ao desenvolvimento dos mecanismos físicos: mãos e trato vocal. Porém, Petitto (1987) argumenta que criança simplesmente produz gestos que diferem dos sinais produzidos por volta dos 14 meses, analisando essa produção gestual como parte do balbucio, período pré-linguístico.

Também se verifica uma reorganização básica, em que a criança muda o conceito da “apontação” inicialmente gestual (pré-linguística) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (linguístico) (FINGER & QUADROS, 2008).

Outra característica dessa fase é a possibilidade da sinalização de um sinal que pode representar uma sentença inteira, desta forma, o estágio pode ser denominado de “holofráscico” (FINGER & QUADROS, 2008).

### 1.3. Estágio das Primeiras Combinações

O surgimento desse estágio é caracterizado a partir da combinação de dois ou mais sinais com relações semânticas, entorno dos 2 anos nas crianças surdas (KARNOPP, 2005). Estas crianças começam a utilizar o sistema pronominal, porém de maneira inconsistente. Petitto (1986) observou que nesse período ocorrem “erros” de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças ouvintes. A criança usa a apontação direcionada ao interlocutor para referir-se a si mesma, mesmo sendo aparentemente obvio a relação entre a direção e a

pessoa que é apontada, este equívoco acontece como um processo natural, ocorrendo o mesmo (fala) em crianças ouvintes.

De acordo com Klima (1979), o padrão de aquisição de crianças surdas e ouvintes em relação à aquisição de pronomes é bastante próximo. Estes estudos provam que o processo de aquisição é universal, apesar da diferença entre as modalidades linguísticas em questão. Ainda pode ser constatado que a média de idade na produção dos enunciados de dois sinais é de 17 meses (variando entre 12 e 22 meses), enquanto que nas línguas orais os enunciados de duas palavras ocorrem entre os 18 e 21 meses, comprovando que, tanto a fala quanto o sinal, são restritos por fatores cognitivos ou linguísticos e não por fatores superficiais relacionados à modalidade (articulação motora) (BONVILLIAN et al. (1983) in FIGER & QUADROS, 2008).

O período do desenvolvimento de dois sinais apresenta algumas características, segundo Newport & Meier (1986) e Deuchar (1984):

Emergência de relações semânticas entre os elementos (sinais), em uma mesma ordem. Os tipos de relações semânticas entre os elementos dos enunciados são: agente + ação; ação + objeto; agente + objeto; ação + lugar; demonstrativo + entidade; entre outros;- Os enunciados consistem tipicamente de itens lexicais que são produzidos através de formas de citação não-flexionadas; O uso da ordem (Sujeito-Verbo, Verbo-Objeto, Sujeito-Verbo-Objeto) funciona como uma estratégia sintática para marcar e atribuir função aos elementos do enunciado. Tal estratégia sintática é adquirida antes das flexões a nível morfológico. Assim, a ordem adotada pelas crianças é a ordem canônica da linguagem do adulto (QUADROS, 2008, p. 72)

Ainda nesse estágio é observado nomeação de objetos que são referidos somente em situações do contexto imediato (HOFFMEISTER, 1978 in QUADROS, 2005).

#### 1.4. Estágio das Múltiplas Combinações

Neste estágio ocorre a explosão do vocabulário, onde a criança produz muitos sinais. Seu início segundo Quadros (1997), acontece por volta dos dois anos e meio a três anos. Também de acordo com Lillo-Martin (1986) in Quadros (1997), neste período inicia a ocorrência das distinções derivacionais, como a diferenciação entre o substantivo e o verbo nas línguas de sinais (CADEIRA e SENTAR). Inicialmente a criança não consegue sinalizar pessoas ou objetos que não estejam presentes, ou seja, o sistema espacial da língua de sinais ainda não é utilizado, só por volta dos três anos esse sistema pronominal com referentes não-

presentes, é utilizado no contexto do discurso. Aos cinco anos acontece o domínio completo dos recursos morfológicos da língua.

Determinados erros podem ocorrer durante este processo como: empilhamento dos referentes não-presentes em um único ponto do espaço e a supergeneralização dos verbos, semelhantes às generalizações verbais como 'fazi', 'gosti' e 'sabo' nas línguas orais (FINGER & QUADROS, 2008).

Bellugi, Lillo-Martin, O'Grady & VanHoek (1990) in Quadros (1997), relatam que aproximadamente aos quatro anos a concordância verbal ainda não é utilizada corretamente. No momento em que as crianças deixam de empilhar os referentes em um único ponto, elas estabelecem mais de um ponto no espaço, mas de forma inconsistente, pois não estabelecem associações entre o local e a referência, dificultando a concordância verbal. Entre cinco e seis anos as crianças utilizam os verbos flexionados de forma adequada.

Analisando estes estágios e comparando com as mesmas fases de aquisição da linguagem em crianças ouvintes, pode-se chegar à conclusão que as línguas de sinais são organizadas no cérebro da mesma forma que as línguas orais, sendo considerada, portanto como línguas naturais. O desconhecimento em relação ao funcionamento da língua de sinais acarreta uma lacuna quanto a quais práticas de ensino ou de atendimento são necessárias quando ocorre alterações no desenvolvimento da linguagem.

Desta forma, a aquisição da primeira língua (L1) é extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural da criança. Todavia, se esse acesso ocorrer de forma tardia e quanto mais precário for a qualidade e a quantidade de estímulo, mais comprometido será todo o desenvolvimento do aluno (CRUZ & QUADROS, 2011).

### 1.5 Avaliação da aquisição da língua de sinais

Nas escolas que proporcionam o ensino da Libras como L1 se deparam com dificuldades em avaliar a proficiência de seus alunos e desta forma, a presença de diferentes níveis de aquisição da Libras ocasiona problemas durante o processo de aprendizagem dessa língua. Porém, como dissemos anteriormente, não existem muitos instrumentos formais para avaliar o processo e desenvolvimento da aquisição de crianças surdas.

Atualmente é possível executar esta avaliação por meio de um instrumento que foi idealizado por Cruz e Quadros. As autoras perceberam a falta de materiais que pudessem desenvolver avaliações efetivas no tocante as línguas de sinais e iniciaram estudos e



investigações culminando em uma pesquisa empírica realizada entre 2002 e 2007, em uma escola do Rio Grande do Sul, caracterizada como um estudo-piloto, envolvendo 13 participantes de 1ª série, dos quais 7 iniciaram a aquisição entre 1 ano e 5 meses e 4 anos e o outro grupo com 6 pessoas adquiriram a língua de sinais após os 4 anos e 5 meses e 8 anos.

Posteriormente este estudo foi aplicado em um número maior de participantes e por fim finalizada através da elaboração deste instrumento (QUADROS & CRUZ, 2011).

Este instrumento de avaliação da língua de sinais (IALS) pode ser utilizado para avaliar a linguagem compreensiva e expressiva em crianças surdas a partir dos 4 anos, além de permitir verificar o nível de desenvolvimento linguístico de participantes surdos na língua de sinais, também possibilita acompanhar o processo de aquisição de linguagem e estabelecer medidas de intervenção ou estimulação linguística quando necessário. A sua aplicação pode ser complementada através de observações e anamnese realizadas anteriormente a avaliação formal, viabilizando questionamentos referentes a histórico familiar, idade que ingressou na escola, período que iniciou o contato com a língua de sinais, conhecimento da língua de sinais por parte dos familiares dentre outras questões. Por conseguinte, este tipo de avaliação permite refletir sobre questões pertinentes para o ensino de Libras como L1 e a avaliação do processo educacional, uma vez que esse ensino deve ser entendido enquanto processo que acontece na Libras, a língua que deve ser usada para aquisição da língua, para aprender através dessa língua e em relação a própria língua.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada na pesquisa em questão caracterizou-se como sendo quantitativa e o método usado foi estudo de campo.

Para tal investigação, foram utilizados alguns instrumentos metodológicos, entre eles: instrumento de avaliação da língua de sinais (IALS) – (QUADROS; CRUZ, 2011); caderno de campo com registro das observações feitas nos contatos com a escola); e recursos audiovisuais (câmera fotográfica, notebook e DVD).

Trabalhamos com alunos surdos, das turmas do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental Anos Iniciais, com faixa etária entre 9 e 16 anos, de uma escola bilíngue da Paraíba, por meio de testes de linguagem compreensiva e expressa. A identificação desses discentes está descrita no quadro 01 abaixo.

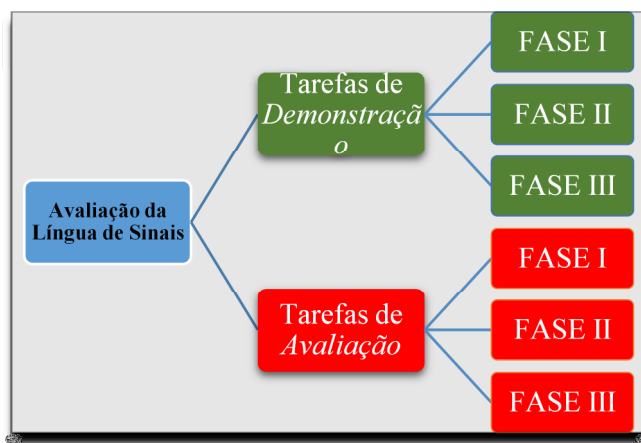


Sujeito	Idade	Série	Tempo de aquisição da linguagem
Aluno 1	12 anos	4º	4 anos de aquisição da Libras.
Aluno 2	9 anos	4º	7 anos de aquisição da Libras.
Aluno 3	11 anos	4º	2 anos de aquisição da Libras
Aluno 4	12 anos	4º	3 anos de aquisição da Libras.
Aluno 5	16 anos	5º	1 ano de aquisição da Libras.
Aluno 6	11 anos	5º	9 anos de aquisição da Libras.
Aluno 7	14 anos	5º	3 ano de aquisição da Libras.

Os procedimentos da pesquisa aconteceram em três etapas: levantamento do referencial teórico, avaliação da aquisição da língua de sinais dos alunos surdos e análise do material levantado.

A avaliação da língua de sinais foi realizada através do instrumento – IALS (QUADROS e CRUZ, 2011), do qual propôs uma avaliação compreensiva através de duas etapas (demonstração e avaliação) e uma avaliação da linguagem expressiva, com duração em média de 40 minutos para cada aluno. No quadro 2, podemos observar as subdivisões deste teste.

Quadro 2 - Avaliação compreensiva: demonstração e avaliação.



Fonte: Elabora pela autora.

Nas duas etapas da avaliação da linguagem compreensiva, houveram apresentações de tarefas realizadas com o emprego de um vídeo em Libras o qual constava nesse instrumento. Nessa avaliação o aluno apontava para a figura que correspondia a cada sinalização realizada no vídeo, conforme podemos observar no quadro 3.

Quadro 3 – Fase I, II e III das tarefas de demonstração.




**Fichas para aplicação das tarefas de demonstração – Fase I**

**Fase I**  
Tarefa 1 (a) (b) (c)  
Tarefa 2 (a) (b) (c)  
Tarefa 3 (a) (b) (c)




Acertos: \_\_\_\_\_ %  
( ) Excelente  
( ) Bom  
( ) Insuficiente

**FASE I**




**TAREFA 1**

**TAREFA 2**

**TAREFA 3**




**Fichas para aplicação das tarefas de demonstração – Fase II**

**Fase II**  
Tarefa 1 (a) (b) (c)  
Tarefa 2 (a) (b) (c)  
Tarefa 3 (a) (b) (c)




Acertos: \_\_\_\_\_ %  
( ) Excelente  
( ) Bom  
( ) Insuficiente

**FASE II**




**TAREFA 1**

**TAREFA 2**

**TAREFA 3**







**Fase III**  
Tarefa 1  
**A - Seleção:**  
( ) Excelente  
( ) Bom  
( ) Insuficiente


**B - Ordem:**  
( ) Excelente  
( ) Bom  
( ) Insuficiente


**Fichas para aplicação das tarefas de demonstração – Fase III**


**TAREFA 1**




















Fonte: Quadros e Cruz, 2011, adaptado pela autora.

A última etapa proposta nesse vídeo foi uma história (sinalizada) para que a criança assistisse e depois organizasse na sequência correta, as cartelas referentes à história apresentada, conforme mostra o quadro 4.

Quadro 4 – Fase I, II e III das tarefas de avaliação.


**Fase I**  
Tarefa 1 (a) (b) (c)  
Tarefa 2 (a) (b) (c)  
Tarefa 3 (a) (b) (c)  
Tarefa 4 (a) (b) (c)  
Tarefa 5 (a) (b) (c)


Acertos: \_\_\_\_\_ %  
( ) Excelente  
( ) Bom  
( ) Insuficiente


Fichas para aplicação das tarefas de avaliação – Fase I

**FASE I**


**TAREFA 1**


a  



b  


c  



**TAREFA 2**


a  



b  


c  



**TAREFA 3**


a  



b  


c  



**TAREFA 4**


a  



b  


c  


**TAREFA 5**

a  


b  


c  


**Fase II**  
Tarefa 1 (a) (b) (c)  
Tarefa 2 (a) (b) (c)  
Tarefa 3 (a) (b) (c)  
Tarefa 4 (a) (b) (c)  
Tarefa 5 (a) (b) (c)

Acertos: \_\_\_\_\_ %  
( ) Excelente  
( ) Bom  
( ) Insuficiente

**Fichas para aplicação das tarefas de avaliação – Fase II**

**FASE II**

**TAREFA 1**





**TAREFA 2**





**TAREFA 3**





**TAREFA 4**





**TAREFA 5**





**Fase III**  
Tarefa 1  
**A - Seleção:**  
( ) Excelente  
( ) Bom  
( ) Insuficiente  
**B - Ordem:**  
( ) Excelente  
( ) Bom  
( ) Insuficiente

**Fichas para aplicação da tarefa de avaliação – Fase III**

**TAREFA 1**









Fonte: Quadros e Cruz, 2011, adaptado pela autora.

Na avaliação expressiva, uma história sobre um desenho infantil (Tom e Jerry), referida na figura 1, foi apresentada a cada estudante avaliado e após assistir duas vezes a animação, elas deveriam narrar em Libras a história para o pesquisador.



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=KjZTYeGVhyo&t=82s&ab\\_channel=JonniValentayn](https://www.youtube.com/watch?v=KjZTYeGVhyo&t=82s&ab_channel=JonniValentayn)

O processo da Análise de Conteúdo ocorreu com base nos estudos de Bardin (1977) e Franco (2012). Partindo da pré-análise, que Bardin (1977, p. 95) define como a fase de organização em que se procura tornar operacionais e sistematizar as ideias preliminares com vistas à elaboração de um plano de análise, constituímos o *corpus* da pesquisa a ser submetido ao procedimento analítico. Na constituição deste *corpus*, levamos em conta os pressupostos e objetivos da investigação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os testes de compreensão e expressão da linguagem foram realizados em duas etapas. No primeiro momento, foram aplicadas tarefas de demonstração, subdivididas em três fases, onde o aluno poderia solicitar esclarecimentos relacionados às atividades no momento da avaliação. Em um segundo momento, ainda relacionado à avaliação da compreensão, prosseguimos com a avaliação efetiva, sem a interrupção do aluno para maiores questionamentos. Os alunos conseguiram executá-lo demonstrando conhecimentos na língua de sinais brasileira em níveis variados, pois alguns alunos estavam iniciando a aquisição tardia da Libras.

Abaixo apresentamos dois gráficos identificando a porcentagem de acertos nas tarefas de demonstração e avaliação pelos participantes.

Gráfico 1 - Respostas nas tarefas de demonstração.

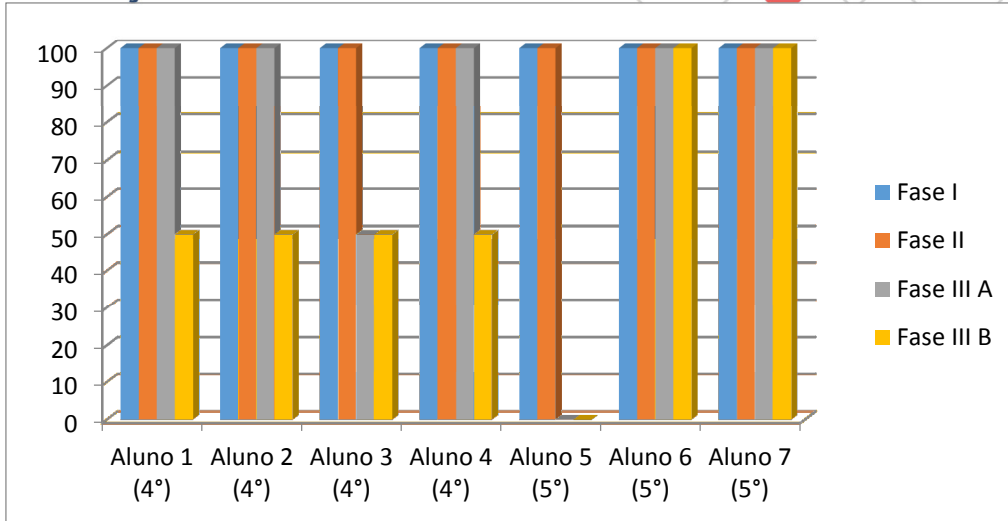
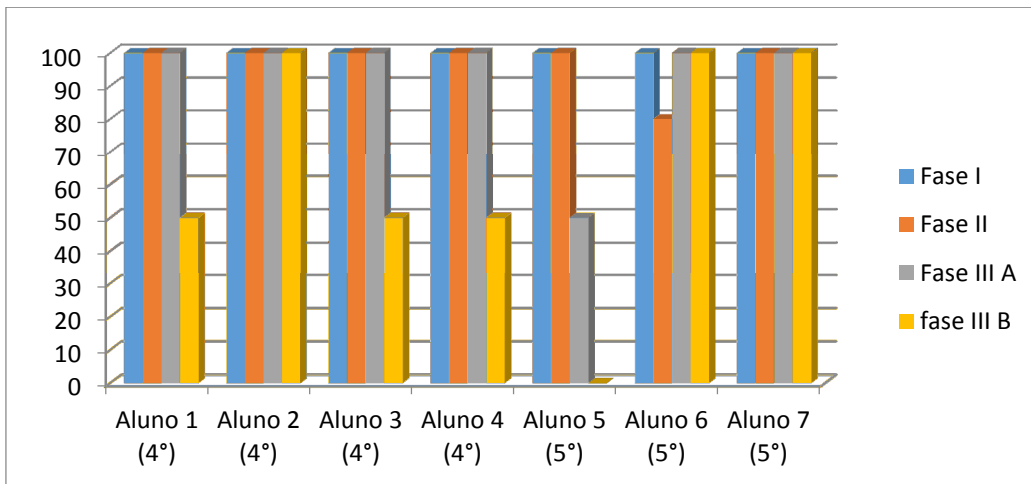


Gráfico 2 - Respostas nas tarefas de avaliação.



Por meio dos resultados apresentados podemos observar que grande parte dos alunos surdos apresentaram um desempenho satisfatório nas fases I e II. Em relação à fase III, tanto na demonstração como na avaliação, maior parte dos alunos acertaram na escolha das figuras que correspondiam a história, porém não conseguiram organizar na sequência lógica anteriormente apresentada na narração sinalizada.

Estes dados que foram analisados indicaram que os alunos apresentaram piores resultados nas fases finais da avaliação da linguagem compreensiva, ou seja, são fases que apresentam maior complexidade linguística. Corroborando com o resultado obtido, Quadros (2019), a privação ocorre porque a maioria das famílias ouvintes que tem filhos surdos não sabem a língua de sinais. E o impacto que ocorre por serem expostas a *inputs* inconsistentes prejudicam em diferentes aspectos a comunicação e expressão do surdo.

Na avaliação da linguagem expressiva observamos resultados diversificados, porém quanto maior o tempo de exposição o uso dos aspectos gramaticais da Libras estavam presentes, como o uso do espaço durante a sinalização, uso de classificadores, um maior número de fatos narrados, sinalização apresentando aspectos fonológicos adequados e sinalização referenciando uma sequência de fatos correspondendo a narração dos fatos. Os alunos surdos que não apresentaram um bom desempenho durante a sinalização da história apresentavam atraso de aquisição da linguagem na Libras, desta forma observamos pouco uso dos classificadores, narração das principais partes da história, porém seguindo a sequência dos fatos anteriormente apresentadas.

Abaixo podemos observar duas narrações da história solicitada nos testes de avaliação da linguagem expressiva:

Aluno 5 – Transcrição da narração

CORRER RÁPIDO...PULAR GATO...GATO PEDIR SILÊNCIO... CHEGAR RATO...DOMIR. TER MUTI@ COMER...CORRER RÁPIDO. ATIRAR. RIR...CAIR.

Aluno 2- Transcrição da narração

RATO VER GATO...RATO IR ESCONDER... RATO PEGAR COMIDA...RATO VER GATO VOLTAR...GATO COMER QUEIJO...RATO FAZER BARULHO. MÃO HOMEM DOER. GATO MORDER MÃO. HOMEM ATIRAR GATO. GATO CORREU... GATO FUGIR...BEBER ÁGUA VER FURO BARRIGA. RATO COMER PÃO. PÃO RABO BOI...BOI BATER GATO. GATO CAIR.

Diante do exposto, Quadros e Cruz (2011), afirmam que compreender o nível de aquisição da Libras do aluno surdo, na escola bilíngue, é primordial para que o professor possa desenvolver estratégias de ensino da Libras em meio a turmas com proficiências variadas. Desta forma, o docente poderá identificar as lacunas durante o processo de aprendizado da língua, relacionando a proficiência do aluno ao estágio em que a criança se encontra na sua produção em sinais (QUADROS e CRUZ, 2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a pesquisa chegamos a conclusões que nos parece evidenciar a relação do desempenho nas avaliações e o tempo de aquisição da Libras. Alunos surdos com maior tempo de exposição à língua apresentaram um melhor resultado durante a realização dos testes. Desta forma, os resultados indicaram que os alunos surdos apresentaram dificuldade nas tarefas que exigiam maior complexidade linguística.

Na fase I e II do nível de compreensão, a maioria dos estudantes conseguiram responder corretamente as solicitações da pesquisadora. Nessa fase III A e B, podemos constatar algumas dificuldades durante a sua execução, pois nesta tarefa foram exigidas funções específicas como a função executiva, memória e atenção. Essas habilidades são desenvolvidas anteriormente a aquisição da linguagem.

Ressaltamos a importância da realização frequente nas escolas bilíngues de avaliações da aquisição da linguagem na língua de sinais e desta forma permitir o acompanhamento do processo de aquisição de linguagem, estabelecimento de medidas de intervenção ou estimulação linguística quando necessário. Também possam correlacionar os dados detectados nas avaliações ao nível de desempenho do discente durante a aprendizagem. Além disso, esperamos suscitar reflexões sobre o funcionamento da Língua Brasileira de Sinais que contribuam para que os professores repensem na sua prática durante a elaboração de programas de ensino desta língua, enfatizando as reais necessidades dos alunos.

Considerando a relevância desse tema, este estudo visa sanar essa lacuna, buscando entender como tem se dado o processo de aprendizagem da Libras como língua materna e sua conexão com o nível de aquisição da Libras por parte dos alunos surdos.

## REFERÊNCIAS

ALBINO, Ivone Braga; SILVA, José Edmilson Felipe da; OLIVEIRA, Laralis Nunes de Sousa. **A muitas mãos** [recurso eletrônico]: contribuição aos estudos surdos. Natal, RN: EDUFRN, 2016. 272 p.: PDF; 8.567 Kb.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 2008.

BASSO, Idavania Maria de Souza; STROBEL, Karin Lilian; MASUTTI, Mara. **Metodologia do Ensino de Libras L1**. Florianópolis: UFSC, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde de 12 de dez. 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, nº 12, seção 1, p.59, 13 jun. 2013. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 22 abr. 2020.



DELGADO, Isabelle Cahino; CAVALCANTE, Mariane Carvalho Bezerra. A construção do aprendiz surdo na perspectiva da alfabetização e do letramento. In: FARIA, Maria de Brito; CALVACANTE, Mariane carvalho Bezerra. **Desafios para uma nova escola: um olhar sobre o ensino-aprendizagem de surdos**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2011, p. 65-108.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da língua de sinais brasileira**: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre. 1994.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

KARNOPP, Lodenir. Aquisição da Linguagem de Sinais: uma entrevista com Lodenir Karnopp. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 3, n.5, agosto de 2005. ISSN 1678-8931 [WWW.revel.inf.br].

GROLLA, Elaine; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. **Para conhecer**: Aquisição da linguagem. São Paulo: Contexto, 2014.

FINGER, I. QUADROS, R. M. de (Orgs.). **Teorias de Aquisição da Linguagem**. Florianópolis: Editora da UFSC. 2008.

FREIRE, A. M. F.; FAVORITO, W. Relações de poder e saber na sala de aula: Contextos de interação com alunos surdos, In: CAVALCANTI, 182 M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Org.) **Transculturalidade, Linguagem e Educação**, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 207-218.

GAZDEN, P. M. Conversa com Pedro de Moraes Garcez. In: SILVA, S. A.; ARAGÃO, R. C. (Org.) **Conversas com Formadores de Professores de Línguas**: Avanços e desafios. Campinas: Pontes, 2013. p. 215-228.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.

QUADROS, R. M. de; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais**: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, Ronice Muller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

RÉ, Alessandra Del. **Aquisição da linguagem**: uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHLATTER, M. Conversa com Margarete Schlatter. In: SILVA, S.A.; ARAGÃO, R.C (Org.) **Conversas com Formadores de Professores de Línguas**: Avanços e desafios. Campinas Pontes, 2013. p. 187-199.



## IV CINTEDI Congresso Internacional de Educação Inclusiva

IV JORNADA CIENNA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

STUMPF, M. Sistema Signwriting: Por Uma Escrita Funcional Para O Surdo. In: Thoma, A. S. et al. **A Invenção Da Surdez: Cultura, Alteridade, Identidade E Diferença No Campo Da Educação**. Santa Cruz Do Sul: Edunisc, 2004.

STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Muller; KUNTZE, Marlon; LILLO-MARTIN, Diane; CHEN-PICHLER, Deborah. **Aquisição da Língua de Sinais**. Editora Arara Azul, 2020. E-Book. ISBN 978-85-8412-017-8. Disponível em: <<https://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/detalhes/114>>. Acesso em: 29/10/2020